

VIII CPO: O Instrumentum Laboris



Na carta programática do sexênio 2012-2018 o Ministro geral, com o seu Conselho anunciou a vontade de convocar um CPO (o VIII) sobre o tema “A graça de trabalhar”. Na carta sucessiva, para a convocação do VIII CPO (1º de novembro 2013), foi constituído um grupo de trabalho para que se empenhasse na preparação do mesmo CPO.

A comissão encontrou-se em Roma por alguns dias em três momentos diferentes, para elaborar, antes de tudo, um questionário a ser enviado a todos os frades da Ordem e depois sintetizar as respostas recebidas, de modo a constituir um Instrumentum laboris para os participantes do CPO. O texto que apresentamos, mais que um documento, é justamente uma síntese das respostas recolhidas. Desejou-se dar voz aos frades, partindo do seu sentir e da

pobreza e minoridade, enquanto um trabalho que gera poder ou deste é expressão, um trabalho que é ligado à simples busca do ganho, não convém para um franciscano, chamado a ser menor e súdito de todos, um trabalho honesto como entendia São Francisco. Se o trabalho é uma graça, sejamos gratos ao Senhor pelas tarefas que nos confia e, também através deste instrumento, coloquemos mãos à obra.

Da síntese das respostas ao questionário, podem-se tirar algumas indicações significativas que abrem pistas de reflexão e discussão. Muitas permaneceram voluntariamente questões abertas enquanto a pluriformidade da nossa Ordem, espalhada em todos os continentes, não nos permite definir homogeneamente os modelos de trabalho que possam ser expressão do verdadeiro frade capuchinho. É certo, contudo,

sua experiência. As solicitações, de fato, são tantas e muito variadas e geralmente têm necessidade de aprofundamento e de serem contextualizadas, mas cremos que sejam mais imediatas e encarnadas nas realidades em que se vive. No texto pode-se perceber, de fato, uma certa continuidade com outros CPO's, especialmente os últimos dois sobre a

que o trabalho não pode tornar-se fim em si mesmo, mas ocasião para dizer o que se é, convencidos de pertencermos a uma fraternidade que se encontra na sua diversidade para construir o Reino de Deus e para colaborar como obra da Criação, com o trabalho das próprias mãos e com a inteligência e os específicos talentos de cada membro. Estamos

ÍNDICE

- 01 VIII CPO: O Instrumentum Laboris
- 02 Rumo à Ratio Formationis Capuchinha
- 03 Encontro da Comissão Internacional de JPIC
Assembleia anual da ASMEN
Fr. Mauro Jari fala ao Capítulo Geral OFM
- 04 CCB lança Manual dos Bens Culturais e novo Web site
Gianfranco Maria Chiti: General de Brigada, Capuchinho e Servo de Deus



conscientes de que muitas são as oportunidades que o Senhor nos oferece para colocarmo-nos a seu serviço como operários da sua vinha e cada um pode dar o seu contributo, desde que, como dizia São Francisco, não se extinga o espírito da santa oração e devoção. O sentir da Ordem parece orientado a colher toda possibilidade de trabalho, daquele mais humilde ao mais prestigioso, daquele que se faz dentro dos muros domésticos de um convento àquele que se manifesta nos âmbitos mais diversos da pastoral, inclusive nos setores essencialmente manuais. O objetivo do trabalho permanece, contudo, a construção da fraternidade, salvaguardando as capacidades individuais de cada um e abrindo-nos ao mundo inteiro. Talvez este continue sendo o desafio mais problemático e necessita de mais atenção e reflexão e sobre o qual deverá confrontar-se o CPO.

(Para leitura completa do Instrumentum laboris acessar: www.ofmcap.org)



Rumo? Ratio Formationis Capuchinha

Entrevista a Fr. Jaime Rey  Vice-Secretário Geral da Formação



Por que uma Ratio Formationis?

Bem, são tantos aqueles que nos pedem porque estamos fazendo uma Ratio. E é uma coisa muito interessante, porque tem um grupo de frades que diz: precisamos de uma Ratio, porque nos sentimos desanimados, não sabemos exatamente como devemos formar os frades. Todavia, ao mesmo tempo, existe outro grupo que diz: ufa! Uma Ratio! Aquilo que querem é unificar-nos. Somos uma Ordem grande demais. Não precisamos que nos imponham um documento de cima para baixo como se fôssemos soldados. O significado profundo de fazer a Ratio não tem outro motivo senão aquele de fazer um esforço na nossa cultura atual para garantir a nossa identidade carismática. Existem alguns valores que são partilhados por todos os capuchinhos de todo o mundo. Por exemplo, Chalí me convidava a dar um exemplo. Não se pode ser capuchinho se não se possui o desejo de viver em fraternidade. Isto não significa que devemos viver a fraternidade do mesmo modo na Espanha como na Polônia, como na Índia, como em qualquer outro lugar, mas o valor da vida fraterna é um valor carismático que devemos defender e que deve estar presente. E aquilo que se diz do valor da fraternidade pode-se dizer do valor do contato ou do encontro com os pobres, da necessidade de oração e de outros valores que apresentaremos.

Falamos de uma normativa geral. De que tipo?

Qual tipo de Ratio? Poderíamos explicar de maneira positiva e negativa. Normalmente as Ratio feitas foram mais no âmbito jurídico-normativo. As congregações têm um grande livro na estante no qual estão todas as normas precisas que um formador pode con-

sultar. Esta não será a nossa Ratio. Decidimos fazer uma Ratio mais no âmbito carismático-inspirador; isto significa que será uma Ratio muito, muito pequena, mas uma Ratio com muita força carismática e com princípios que possam dar hoje inspiração à nossa vida.

Qual metodologia será usada?

Por outro lado, do ponto de vista metodológico, poderia ser uma Ratio da qual o Ministro geral e seu Conselho encarregaram o Secretariado. Escrevemos um documento e o mandamos a toda a Ordem. Isto seria um documento caído de cima. E já se sabe o resultado não chega nunca embaixo. Ao contrário, o nosso esforço será aquele de escrever uma Ratio justo partindo de baixo. Consultando os frades, ouvindo os frades, quais são os seus problemas. É o que chamamos de metodologia de base. E esta será a nossa metodologia.

Quanto tempo será preciso?

De que modo iniciaremos o nosso trabalho? A primeira coisa a dizer é que estamos quase esperando que passe o VIII CPO sobre o trabalho, de modo que a Ordem não se disperse muito em dois trabalhos de muita importância e de muita profundidade e quando terá passado o Conselho Plenário iniciaremos os trabalhos da Ratio. Já o iniciou o Ministro geral com uma carta sobre a identidade e pertença e ao mesmo tempo já está praticamente preparado um questionário que enviaremos a todos os frades para consultar-lhes sobre como estes desejam que se faça a Ratio. Estes são as perguntas fundamentais que servem para iniciar o encontro e o diálogo no âmbito das fraternidades, não só formativas, mas em todas as fraternidades e ao mesmo tempo que nós, em âmbito de conferências e

depois de Secretariado poderemos recolher estes ecos e ainda garantir que é uma Ratio feita de baixo.

Finalmente, o que podemos esperar?

O que se prevê nesta Ratio? Como já disse, será muito simples. No esquema que pensamos, terá três capítulos e três pequenos anexos. Explico brevemente os três capítulos. O primeiro, muito interessante, sobre o qual já trabalhamos junto com o Conselho Internacional da Formação, deseja apresentar a figura de Francisco; é Francisco, nosso irmão que é o nosso mestre e nosso principal formador, que se apresenta a nós para dizer-nos como ele deseja que sigamos hoje os passos de Jesus. Isto é, Francisco o formador. Não é uma coisa simples dizer qual tipo de Francisco queremos, porque sabemos que desde o início, coma famosa questão franciscana, existem muitas perspectivas e muitos aspectos a respeito de Francisco. Descobrimos que a reforma capuchinha, neste sentido uma reflexão do Ministro geral na sua carta, a reforma capuchinha faz uma opção pelo Francisco muito viçoso e carismático. Por isso os primeiros capuchinhos eram chamados “os frades do Testamento”. Assim o nosso Francisco será, de qualquer modo, este Francisco do Testamento.



Encontro da Comissão Internacional de JPIC



ROMA, Itália – A Comissão Internacional de Justiça, Paz e Integridade da Criação (JPIC) reuniu-se entre os dias 4-7 de maio passado na Cúria Geral. Estavam presentes todos os seis membros da comissão, ou seja: Fr. John Celichowski (Presidente, PR Calvary, USA), James Donegan (PR New York / Guatemala), fr. Darwin Orozco (CU Equador), fr. Henryk Ciszowski (PR Cracóvia), fr. John Sulle (PR Tanzânia) e fr. Jacob Kani (PR-

-Krist Jyoti, Índia) juntamente com Fr. Benedict Ayodi, responsável do setor de JPIC OFM Cap. O objetivo principal da reunião foi, dentre outras coisas, rever as atividades do ano que passou e planejar o resto do ano. Foi observado que a comissão com o Ofício JPIC da Cúria geral fizeram um grande trabalho para criar um banco de dados que ajudará numa pesquisa sobre os projetos sociais de toda a Ordem.



Assembleia anual da ASMEN



ROMA, Itália – A reunião anual da ASMEN (Conferência do Oriente Médio, Golfo e Paquistão) aconteceu de 12 a 14 de maio em Roma, na nossa Cúria geral. O principal assunto da assembleia foi o tema: “A nossa vida de frades menores em situações de minoria (menores/minoria)”. As várias circunscrições já haviam refletido este tema, partindo de um questionário precedentemente preparado. À pergunta: “Apesar das dificulda-

des, precisamos continuar a nossa presença n’alguns lugares?”, os irmãos responderam afirmativamente. Em contextos totalitários como aquele de um islã intransigente ou ainda de uma ortodoxia hostil, a presença dos frades é um sinal de diversidade, abertura e diálogo. Um dia da reunião foi dedicada a uma peregrinação a Assis para um momento de oração e de fraterna renovação.

Fr. Mauro Jori fala ao Capítulo Geral OFM

ASSIS, Itália – No dia 11 de maio, nosso Ministro geral, Fr. Mauro Jori, foi convidado a falar ao Capítulo Geral dos Frades Menores. O Ministro propôs como assunto e tema: “FRADES E MENORES” parte do próprio tema central do capítulo que é: “Frades e menores



no nosso tempo”. Das palavras do Ministro propomos pequenos recortes: “Colocando o esforço da vida fraterna no centro do carisma, recuperamos, ou melhor, descobrimos ainda, toda a riqueza da escolha inovativa feita por São Francisco, daquele que desde o início da sua conversão fez-se chamar “Frei Francisco”. Consciente e grato pela intervenção forte e decisiva de Deus (Deus ipse!) que o havia conduzido em meio aos leprosos, Francisco mudou de modo irreversível a sua visão de mundo e a sua percepção da vida. Escolheu, então, ir viver em meio aos leprosos, usar misericórdia para com eles e ser irmão destes(...) o perigo para nós é aquele de chamarmo-nos “menores”, mas de estarmos, na realidade, muito distantes das pessoas que efetivamente vivem em estado de marginalização e sem nada. Nos parecemos muito com o sacerdote e o levita que desciam de Jerusalém para Jericó os quais, vendo aquele homem deixado meio-morto à beira da estrada passaram adiante. Não foi diferente também com o filho de Pedro de Bernardone que, num primeiro momento, dava uma grande volta desviando-se dos lazarentos desde que não tivesse que encontrar com aquelas figuras de aspecto repugnante e de odor insuportável. Leprosos lhe davam arrepios e ele se bloqueava nas suas sensações desagradáveis. Não se deixava alcançar por seus gritos de ajuda, seus pedidos por um gesto humano de aproximação, porque ficava centrado unicamente sobre si mesmo. Mas foi o Senhor mesmo a conduzi-lo entre eles e daquele momento muitas coisas, antes, tudo mudou na sua vida. Pergunto-me, se não deveria repetir-se também para a maior parte de nós, inclusive comigo, esta intervenção forte por parte do Senhor que nos confronte diretamente com o pobre e abra o nosso coração e o torne acolhedor e compassivo? Não basta o simples

fato de dizer-nos "franciscanos" para garantir-nos de estar com os pobres e de alegrar-nos, por que Francisco nos pede justo isso: "E devem ser alegres quando vivem entre pessoas que contam pouco e desprezadas entre pobres e desábais, entre



enfermos e leprosos e entre mendigos à beira da estrada."

(O texto completo e o vídeo desta apresentação estão em: www.capitulumgenerale2015.ofm.org)



ORVIETO, Itália – 8 maio 2015. Na esplêndida moldura da catedral de Orvieto, o bispo D. Benedetto Tuzia, abriu o processo diocesano sobre a vida, virtudes e fama de santidade do Servo de Deus, Gianfranco Maria Chiti, sacerdote capuchinho. Na nave central da igreja estavam presentes o Ordinário militar da Itália D. Santo Marcan, os confrades capuchinhos da Província de Roma, muitos militares, sobretudo os seus Granadeiros da Sardenha, as autoridades municipais e muitos daqueles que o conheceram no seu serviço militar e ministério pastoral. O Servo de Deus, nasceu em Gignese

(Viterbo) aos 6 de maio de 1921, passou a infância e início da juventude em Pesaro. Aos 15 anos ingressou na carreira militar inscrevendo-se na Academia Militar de Módena. Aos 18 anos saía com o grau de subtenente de subido já empenhado como Itália em guerra nos vários fronts. Aos 8 de setembro de 1943 adere à República de Salò, procurando salvar de todas as maneiras os que eram procurados. Do seu operar são testemunhas muitos párocos da região de Mondovì, onde foi enviado. De fato, em 1948, foi reintegrado no novo exército da República Italiana e em 1950 vai para a Somália por conta da ONU. Aos

6 de maio de 1978 foi promovido a General de Brigada e colocado na reserva. Aos 30 de maio sucessivo, realizando o que há muito aspirava, foi acolhido no noviciado capuchinho de Rieti. Aos 12 de setembro de 1982 foi ordenado sacerdote na catedral da mesma cidade. Enviado a Orvieto por obediência, restaura o convento restituindo-lhe a todos como lugar de oração e de recolhimento. Morre em Roma aos 20 de novembro de 2004 após um acidente de trânsito. Repousa no cemitério de Pesaro. Está aberta a fase diocesana pra recolher as provas e testemunhos sobre sua vida, virtudes e fama de santidade.

CCB lança Manual dos Bens Culturais e novo Web site

SÃO PAULO, Brasil – Dia 17 de Maio passado, durante a assembleia anual da Conferência dos Capuchinhos do Brasil (CCB), foi lançado para os frades o livro Os nossos Bens Culturais Capuchinhos. Por que preservar? – Um manual de preservação dos bens culturais da Ordem no Brasil. Fruto do esforço de um grupo criado ano passado na Conferência, o texto pretende despertar nos frades brasileiros a consciência da importância dos bens culturais e patrimoniais e desenvolver o sentido de pertença a esta rica herança cultural. Além do volume, a Comissão apresentou um programa com objetivos precisos:

- Produzir subsídios de regularização para a preservação e acessibilidade dos arquivos, bibliotecas e museus capuchinhos brasileiros;
- Formar frades para o trabalho de preservação, proteção e defesa dos bens culturais;
- Cooperar na organização de arquivos, bibliotecas, museus e centros



culturais nas diversas circunscrições.

Na mesma ocasião, foi também apresentado o novo web site da CCB, com diversas novas possibilidades de interação nas variadas plataformas tecnológicas, conectando, assim, o máximo possível a Ordem espalhada nas 12 circunscrições brasileiras.

O endereço do novo site é: www.capuchinhos.org.br

Gianfranco Maria Chiti: General de Brigada, Capuchinho e Servo de Deus